

Lc 1, 39-56 (Assunção de Nossa Senhora)

O culto a Virgem Maria já surgiu nos primeiros tempos do cristianismo. Certamente indicava o reconhecimento do povo cristão por Maria ter aceitado ser mãe de Jesus, opção decisiva para a vinda do Filho de Deus ao nosso mundo e, portanto, para a salvação da humanidade. Podemos distinguir duas modalidades de culto mariano. Um deles se limita a louvar a grandeza de Nossa Senhora e a ela recorrer com pedidos e preces. Culto correto, mas incompleto.

A outra modalidade de culto mariano reconhece em Nossa Senhora um ser humano como nós, dotado de inteligência e liberdade, às voltas com problemas de cada dia, com os desafios da convivência social, com as incertezas do futuro. Pouco sabemos de sua vida numa época em que as mulheres não se viam devidamente consideradas nos relatos históricos. Mas este pouco já basta para podermos afirmar que toda a vida de Maria foi uma existência sustentada por sua fé.

O que subjaz aos relatos da anunciação do anjo, fortemente marcados pelo imaginário religioso daquele tempo, é o acolhimento, sem reservas ou condições, do convite de Deus para participar do projeto salvífico do Reino de Deus. Naturalmente este sim a Deus mudou sua vida, seus planos futuros, seus sonhos de mulher. Mas a confiança irrestrita em Deus vai perdurar durante todos aqueles os anos em que via o menino crescer, iniciar uma vida de andarilho, reunir discípulos, ser aclamado por uns e odiado por outros, sofrer barbaramente sua paixão e morte de cruz e se mostrar vivo aos apóstolos.

Em todo este tempo Maria viveu da fé em Deus, guardando na memória e refletindo sobre a pregação e o comportamento de seu Filho, conhecendo-o cada vez melhor como uma mãe conhece como ninguém seu próprio filho, e com ele sintonizando por acompanhá-lo em suas andanças e por uma vida voltada para os outros, como já aparece na visita a Isabel, nas bodas de Caná, no apoio dado aos apóstolos no Cenáculo. É toda uma vida na fé que realiza as palavras de Isabel: “Feliz aquela que acreditou” (Lc 1, 45).

Toda uma vida que contou com incompreensões dos que se escandalizavam com Jesus, mesmo entre seus familiares (Mt 13, 53-58), com horas sofridas por ocasião da paixão e morte de seu Filho, com o risco ao se juntar aos apóstolos no Cenáculo para lhes apoiar (At 1, 14). Uma vida com sentido, uma vida consciente, uma vida coerente, uma vida fiel à ação do Espírito Santo, uma vida amadurecida ao longo dos anos, que é “assumida” por Deus depois de sua morte. O povo cristão, impelido pelo mesmo Espírito, irá vê-la como figura exemplar de vida cristã, cultuando-a desde os primeiros séculos como sua mãe, como Mãe da Igreja.

Deste modo podemos entender que Maria está mais próxima de nós do que pensávamos. Sua fé faz de sua pessoa um modelo de vida cristã. Viveu com grande intensidade nossos desafios existenciais, mas sempre renovando sua entrega a Deus. Nos momentos de trevas e de dúvidas, de angústias e de desânimos, recorremos a Maria, pois sabemos que, por experiência própria, ela conhece bem nossos males e sofrimentos.

Uma vida cristã exemplar, mas vivida na simplicidade, no cotidiano, sem apresentar grandes façanhas ou ações espetaculares, humilde, modesta, despercebida para muitos de seus contemporâneos. Mas sempre animada e impulsionada pelo cuidado com o outro e com a caridade fraterna. Aqui reside a grandeza de sua existência e de sua glorificação junto a Deus, pois ela soube acolher o amor de Deus repartindo-o com os outros. Uma vida exemplar a ser não só louvada, mas também imitada.

MFM